

COTIDIANO E  
ESPETÁCULO:  
TERRITÓRIOS E  
NARRATIVAS  
EM DISPUTA NA  
CRACOLÂNDIA



**IV SICCAL**

**[ GT3 - TERRITÓRIO E CONFLITOS URBANOS ]**

**Camila Campos de Almeida**

*Universidade de São Paulo (USP)*

**Fernando Túlio Salva Rocha Franco**

*Fundação Getúlio Vargas (FGV)*

[ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

A área conhecida como Cracolândia, no centro de São Paulo, é historicamente marcada por políticas e intervenções urbanas que ameaçam a permanência popular no território. A disputa socioterritorial que permeia a região central da cidade se configura, também historicamente, como uma disputa narrativa e, neste trabalho, o objetivo é entender como produção simbólica e produção do espaço se relacionam. A pesquisa é norteada pela perspectiva da antropóloga Taniele Rui acerca das ações do Estado no território, que seriam de duas naturezas: performáticas, de caráter público e espetacular, normalmente midiáticas; e cotidianas, de caráter privado e rotineiro, quase sempre invisibilizadas. Tendo como base essa conceituação, buscou-se entender como narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas são construídas a partir do cotidiano e do espetáculo no processo de disputa do território.

**Palavras-chave:** Cracolândia. Disputa socioterritorial. Narrativas contra-hegemônicas. Intervenção urbana.

The area known as Cracolândia, in downtown of São Paulo, is historically distinguished by policies and urban interventions that threaten the people's permanence in the territory. The socio-territorial dispute that permeates the city's central area is configured, also historically, as dispute of narratives. In this research, the objective is to understand how symbolic production and production of space are related. The perspective of the anthropologist Taniele Rui, on the actions of the State in this territory, guides the research. According to her, these actions would be of two different kinds: performative, with public aspect and spectacular, usually mediated; and ordinary, with private and routine aspect, usually invisible. Based on this conceptualization, this work sought to understand how hegemonic and counter-hegemonic narratives are constructed, in the territorial dispute process, from the daily life and the spectacle.

**Keywords:** Cracolândia. Socio-territorial dispute. Counter-hegemonic narratives. Urban intervention.

El área conocida como Cracolândia, en el centro de São Paulo, es históricamente caracterizada por políticas e intervenciones urbanas que amenazan la permanencia popular en el territorio. La disputa socioterritorial que permea la región central de la ciudad se configura, también históricamente, como una disputa narrativa y, en este trabajo, el objetivo es entender cómo la producción simbólica y la producción del espacio se relacionan. La investigación es orientada por la perspectiva de la antropóloga Taniele Rui acerca de las acciones del Estado en el territorio, que serían de dos naturalezas: performáticas, de carácter público y espectacular, normalmente mediáticas; y cotidianas, de carácter privado y rutinario, casi siempre invisibilizadas. A través de esa conceptualización, se buscó entender de qué manera las narrativas hegemónicas y contrahegemónicas se construyen a partir de lo cotidiano y de espectáculo en el proceso de disputa del territorio.

**Palabras clave:** Cracolândia. Disputa socioterritorial. Narrativas contrahegemônicas. Intervención urbana.

## Introdução

---

Era 21 de maio de 2017 quando, após uma megaoperação policial<sup>1</sup>, o prefeito João Doria (PSDB) anunciava ter colocado um fim na área estigmatizada como Cracolândia, no centro de São Paulo. A ação ocorreu em parceria com o governo do Estado de Geraldo Alckmin (PSDB), e contou com a atuação de 900 agentes da Polícia Civil e Militar, com uso ostensivo de balas de borracha e gases de efeito moral. Naquele dia, 38 pessoas suspeitas de envolvimento com o tráfico de drogas foram presas, prédios foram demolidos ou lacrados – sem nem ao menos terem sido devidamente esvaziados. Iniciava-se ali o Programa Redenção, de combate ao uso de drogas, e uma nova tentativa de reestruturação territorial. As intervenções e os projetos urbanos que se impõem e se sobrepõem não ocasionalmente coincidem com o espetáculo policial (RUI; MALLART, 2015).

Em janeiro daquele ano, o governador Geraldo Alckmin tinha anunciado o início das obras de uma PPP Habitacional no bairro, afirmando: “Aqui tem tudo: emprego, metrô, trem, hospital, escola, internet, cultura. A gente está revitalizando o Centro para trazer de volta as pessoas para morarem aqui”<sup>2</sup>. Poucas semanas depois, o

chamado “fluxo” da Cracolândia retornou às imediações da estação Júlio Prestes, mas a ação-espetáculo, amplamente veiculada pela imprensa, já tinha servido aos interesses político-econômicos do poder público, que tenta historicamente atrair um novo perfil de moradores para a região.

Neste artigo, o objetivo é mostrar como essa disputa socioterritorial é também uma disputa narrativa. Para entender como as narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas se configuram, é necessário, antes de tudo, entender como se dá ação do Estado no território, uma vez que são essas ações que dão munição para a construção do imaginário acerca da Cracolândia – e também do próprio território.

A antropóloga Taniele Rui adota uma conceituação que é de grande contribuição para a análise aqui proposta. De acordo com Rui, essa disputa territorial e seus confrontos estão submetidos a, pelo menos, dois tipos de temporalidade e visibilidade, manifestos em ações performáticas, de caráter público e espetacular, e em ações cotidianas, de caráter privado e rotineiro (RUI, 2013, p. 289). A partir dessa ideia, será possível mostrar como *cotidiano* e *espetáculo* alimentam a disputa narrativa.

Falar sobre construção simbólica se mostra fundamental para o entendimento da construção territorial. De acordo com Rui, para que o espetáculo e as ações performáticas do Estado sejam validados, é fundamental encampar também uma disputa

---

1 FÁBIO, André Cabette. A nova intervenção na cracolândia: origens e precedentes de um problema crônico. **Nexo Jornal**, São Paulo, 23 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/05/23/A-nova-intervencao-na-cracolandia-origens-e-precedentes-de-um-problema-cronico>>. Acesso em: 30 out. 2018.

2 GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Alckmin dá início às obras da PPP da Habitação no terreno da antiga rodoviária. São Paulo, 23 jan. 2017. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/sala-de-imprensa/release/alckmin-da-inicio-as-obras-da-ppp-da-habitacao-no-terreno-da-antiga-rodoviaria/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

narrativa – aspecto especialmente evidente após a realização da Operação Sufoco, realizada durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab (PSD), em 2012. Ali, a narrativa que historicamente se disputa em relação ao centro de São Paulo passou a ter uma dimensão midiática central, uma vez que o sucesso da ação-espetáculo policial se garante por uma cúmplice vinculação com a exposição midiática. Da mesma forma, quando não há o estabelecimento dessa cumplicidade, é também mais possível apontar o fracasso e a ineficiência do espetáculo (RUI, 2013, p. 300).

A megaoperação de maio de 2017, apesar de todas as suas contradições e da complexidade e diversidade de narrativas produzidas acerca do tema, foi de certa forma eficiente no sentido de conseguir validação pública. Uma pesquisa de opinião realizada pelo DataFolha<sup>3</sup> logo após a ação mostrou que 59% dos paulistanos declararam ser a favor da megaoperação policial realizada na Cracolândia; 34% foram contra; 4% ficaram indiferentes à questão; e 4% não opinaram. Além disso, a maioria dos paulistanos (64%) avalia que as ações policiais irão resolver o problema do crack na região central da capital; enquanto que para 34% as ações não resolvem o problema.

De acordo com Taniele Rui, o poder estatal se materializa nessas operações midiáticas e, além delas, “há uma série de interações cotidianas que escapam da visibilidade e do conhecimento públicos,

conformando, assim, não uma oposição, mas uma complementaridade na lógica de atuação” (RUI, 2013, p. 289). A presença do Estado no território é espetacular, mas é também rotineira e, neste trabalho, foi possível identificar que são justamente as ações cotidianas que têm alimentado as narrativas contra-hegemônicas, uma vez que elas possibilitam revelar a atuação que escapa ao *mise-en-scène* da segurança e demonstrar a efemeridade das ações performáticas.

## Diversidade sob ameaça

---

O centro de São Paulo é casa para uma população variada em termos de renda, raça, orientação sexual e origem. “Enquanto os estratos sociais paulistanos vivem de maneira cada vez mais segregada, o centro torna-se o principal espaço onde muitas ‘cidades’ presentes na metrópole podem se encontrar” (MALTA CAMPOS; PEREIRA, 2005, p. 2). No artigo, que fala sobre moradia e requalificação no centro, observando os movimentos entre segregação e diversidade, os autores apontam para a necessidade de compreender esse convívio das diferenças como essência da região, que, de acordo com eles, não tende nem a sofrer uma gentrificação por completo, nem a se tornar um gueto de pobreza.

A natureza diversa do centro da cidade é histórica, bem como o são as disputas no território. No final do século 19, os alemães Frederico Glette e Victor Nothmann atuaram como pioneiros da urbanização da capital, com uma meta: lotear e planejar um bairro para elites. Fundaram, então, os Campos

---

<sup>3</sup> MAIORIA dos paulistanos aprova ações na cracolândia. **Datafolha**, São Paulo, 5 jun. 2017. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2017/06/1890337-maioria-dos-paulistanos-aprova-acoes-na-cracolandia.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Elíseos, numa referência à Champs Elysée parisiense. “O bairro foi revestido de uma nova ordem urbana, eficiente e disciplinada desde sua aurora” (MARINS, 2011, p. 212). Os primeiros casarões do bairro começaram a ser construídos na década de 1880, num território que já era predominantemente misto, por sua proximidade com os trilhos dos trens que chegavam à estação da Luz. Essa característica, porém, não era apresentada nas peças publicitárias e jornalísticas que tentavam atrair os barões do café para a região, e os destaques estavam sempre reservados à nobreza daquela vizinhança que se constituía — de forma lindeira às habitações simples e conjugadas também presentes naquelas calçadas. Na década de 1960, contudo, um incêndio no Palácio dos Campos Elíseos — um dos principais símbolos de poder do bairro —, junto à inauguração da nova rodoviária da cidade selaram o fracasso da intenção de constituir um reduto para as elites e abriram as portas para que o caráter popular do bairro fosse consolidado (MARINS, 2011, p. 240).

Mas as tentativas de fazer o centro se tornar um lugar para as elites não cessaram, e há uma herança escravocrata nessa intenção. Ainda no final do século 19, foram inúmeras as investidas contra os territórios populares — eminentemente negros — que compunham o centro da cidade de São Paulo. Como explica a urbanista Raquel Rolnik (2007), projetos urbanos já visavam à “limpeza” do centro para que as elites pudessem ocupá-lo, o que se torna explícito na alegação de que “as quituteiras devem sair porque ‘atrapalham o trânsito’, os mercados devem ser transferidos porque ‘afrontam a cultura e conspurcam a cidade’, os pais-de-santo não podem mais trabalhar porque são ‘embusteiros que fingem inspiração por algum ente sobrenatural’”, conforme constava no código

de condutas municipal de 1886. À época, a população negra acabou por ser desalojada do chamado “centro velho” pelos chamados “trabalhos de melhoramento da capital”, que eram grandes operações de renovação urbana iniciados na gestão de Antonio Prado, ainda em 1899. Essa “operação de limpeza” se refletiu em várias intervenções, como a construção da Praça da Sé, a remodelação do Largo Municipal e a demolição de cortiços, hotéis e pensões da região central (ROLNIK, 2007, p. 81).

As semelhanças com o que ainda vivemos, mais de um século depois, são inegáveis. O caráter popular do centro continua incomodando — e jamais conseguiu ser revertido. Como demonstra Beatriz Kara José, em sua tese sobre a popularização do centro, na década de 1970, o discurso da “revitalização”, motivado pelo discurso de que a região estaria “degradada”, assumiu um caráter peculiar: no foco das propostas estava a atração das classes médias e do setor privado para a área, que já tinha sido abandonada pelas elites. Desde então, para justificar as intervenções propostas, as gestões municipais têm apostado numa estratégia de “marketing inverso”, baseado sempre num discurso que ressalta a “decadência” desse centro (KARA JOSÉ, 2010, p. 27).

Segundo Villaça (2011), esse discurso revela sucessivas tentativas de segregar a população de mais baixa renda que permaneceu no centro, mesmo que a predominância dela na região tenha se dado também em parte pelo abandono das “classes dominantes”, que desde o início do século XX passaram a ocupar outras regiões da cidade.

**A ideia dominante é: o centro da cidade está se “deteriorando”. A deterioração,**

ou apodrecimento, é um processo natural que só ocorre com seres vivos. Essa ideia pretende esconder o processo real rotulado de “decadência” e que é de responsabilidade da classe dominante, mas que não quer assumi-lo. A verdade é que a chamada “decadência” decorreu do fato de essa classe ter abandonado o centro (...). Justamente a partir do momento em que o centro deixa de ser patrocinado pelas elites e passa a ser patrocinado pela maioria popular, cria-se a ideia de que ele está se deteriorando. Mais ainda. Justamente quando a maioria toma conta do centro, cria-se a ideia de que esse não é mais o centro da cidade, e que essa teria um novo centro. (VILLAÇA, 2011, p. 48)

O surgimento e a construção narrativa da Cracolândia no centro de São Paulo ajudou a engrossar o discurso em torno da decadência. Já na década de 1950, a região que abarcava os bairros da Luz, Santa Ifigênia e Campos Elíseos, onde concentravam-se atividades de boemia, prostituição e ilegalismos, era denominada Boca do Lixo. Os primeiros textos que utilizaram o termo “Cracolândia”, na década de 1990, associavam seu surgimento à Boca do Lixo, e as narrativas se concentravam em afirmar que o local tinha se consolidado como ponto de venda e produção de crack, não de uso da substância. “Esses elementos importantes mostram que, em primeiro lugar, a Cracolândia nasceu conectada(...) às dinâmicas mais amplas de gestão da violência e do tráfico de drogas na cidade de São Paulo” (RUI; MALLART, 2015).

Na década seguinte, começaram as operações que articulavam militarização e política urbana. Em 2005, ocorreu a Operação Limpa, durante a gestão José

Serra. No mesmo ano, foi anunciado o projeto Nova Luz. As tentativas de concretizar o plano de “requalificação” da área culminaram em mais uma série de ações policiais, como a Operação Centro Legal, em 2009, e a Operação Sufoco, em 2012. O Nova Luz foi arquivado em 2013, durante a gestão do prefeito Fernando Haddad, que, em janeiro de 2014, apresentou um programa de acolhimento aos usuários de drogas no centro de São Paulo, o De Braços Abertos. A vontade de ver nascer uma “Nova Luz”, entretanto, não se dissipou. Mesmo com o projeto arquivado, o governador Geraldo Alckmin o manteve em seus discursos. Em junho de 2014, no lançamento de uma nova base comunitária policial, a equipe de comunicação divulgou o feito com o seguinte título: “Governador Alckmin inaugura base comunitária na Nova Luz”<sup>4</sup>. Na ocasião, Alckmin deixou clara a vinculação entre a atuação policial e a intenção de “requalificar” a região, a partir da atuação na Cracolândia:

Instalamos, junto com a Prefeitura, a base fixa da Polícia Militar. A Polícia Comunitária é muito importante, porque o policial sabe o nome das pessoas e está muito próximo da comunidade. Essa revitalização contribui com a sensação de segurança e tem o intuito de fazer com que as pessoas voltem a morar na Luz. (declaração em GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014 – ver nota de rodapé n. 4)

4 GOVERNADOR Alckmin inaugura base comunitária na Nova Luz. **Governo do Estado de São Paulo**, São Paulo, 03 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/sala-de-imprensa/release/governador-alckmin-inaugura-base-comunitaria-na-nova-luz-1/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Essa tentativa de atrair novas pessoas para morar na Luz acontece com constante ameaça à população que já vive no centro de São Paulo. O limiar entre o deslocamento e a permanência das camadas populares no território foi abordado pela pesquisadora Simone Gatti, em tese que discutiu as ameaças à população de baixa renda no projeto Nova Luz. No projeto, por exemplo, foram desconsideradas totalmente as especificidades locais. “Quando todas essas referências são perdidas, quando esse sentido de lugar é desfeito, está se abrindo uma conjuntura favorável para a criação de um novo território, uma ‘Nova Luz’ para os moradores, com perfil social distinto daqueles que ali estavam” (GATTI, 2015, p. 169). Após consistente pressão da sociedade civil e atuação do Ministério Público (MP), o projeto foi engavetado, mas suas bases ainda são aproveitadas e reverberam nos projetos que têm sido propostos para a região.

Nesse sentido, é importante notar que o fenômeno da gentrificação, que acaba como despontar como uma consequência dos processos de “requalificação”, não incide sobre o território como uma mera substituição de população por critérios de renda, afastando aqueles que não podem mais arcar com a moradia num território onde os preços aumentaram. Jane Jacobs já alertava, na década de 1960, que esses projetos, na verdade, vendem a diversidade — a ser construída a partir da atração das classes médias — como um atributo que deixará esses locais mais atrativos, porém, “o acréscimo de uma diversidade nova ocorre principalmente pela concorrência com a diversidade existente” (JACOBS, 2011, p. 278). Como Neil Smith afirma, a gentrificação deixou de ser uma anomalia local, que seria quase como um produto indesejado das intervenções de

“renovação”, para se tornar uma estratégia urbana global (SMITH, 2006, p.73), repleta de motivações ideológicas:

*Na mídia, a gentrificação tem sido apresentada como o maior símbolo do amplo processo de renovação urbana que vem ocorrendo. Sua importância simbólica ultrapassa em muito sua importância real; é uma pequena parte, embora muito visível, de um processo muito mais amplo. (...) Quaisquer que sejam as reais forças econômicas, sociais e políticas que pavimentam o caminho para a gentrificação, e quaisquer que sejam os bancos e imobiliárias, governos e empreiteiros que estão por trás do processo, o fato é que a gentrificação aparece, à primeira vista, e especialmente nos EUA, como um maravilhoso testemunho dos valores do individualismo, da família, da oportunidade econômica e da dignidade do trabalho (o ganho pelo suor). Aparentemente, ao menos, a gentrificação pode ser tocada de forma a executar alguns dos acordes mais ressonantes de nosso piano ideológico. (SMITH, 2007, p. 18)*

Levando em conta as vantagens econômicas de transformação do território, é crucial apontar que a região da Luz tem servido, em grande medida, aos interesses de manutenção e reprodução de relações capitalistas de produção do espaço, de que são excluídos os moradores da região. O problema foi abordado pelo urbanista Guilherme Petrella: segundo o pesquisador, os agentes envolvidos na produção do espaço a partir dos planos urbanos propostos “devem ser capazes de realizar o valor e o preço da mercadoria imobiliária, constituindo-se em oposição aos antigos moradores” (PETRELLA, 2017, p. 19).

Em Michel Foucault, o poder político é apontado como máquina que trabalha para reinscrever perpetuamente relações de força “através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2014, p. 275). Essa variedade nas formas de dominação – no contexto social brasileiro, traduzida como exclusão – é trabalhada pelo pesquisador Jessé Souza. Em diálogo constante com a obra de Pierre Bourdieu, ele identificou o preconceito estético como sendo um dos pontos centrais para a legitimação dos privilégios das classes abastadas em oposição às classes populares, à “ralé brasileira” (SOUZA, 2018, p. 21-24). Acerca dos processos de exclusão social, debruçou-se também Lúcio Kowarick, que afirma que, em princípio,

*não se trata apenas de isolar, confinar ou banir mas, seguindo as trilhas de Hannah Arendt, de negar ao outro o direito de ter direitos: é o instante extremo em que representações e práticas levam à exclusão do outro, tido e havido como encarnação da periculosidade e, portanto, passível de ser eliminado. (KOWARICK, 2009, p. 92)*

## A construção midiática do espetáculo

Tanto os movimentos do poder público pela “requalificação” do centro, quanto a expectativa de que ela se concretize – normalmente alimentada por especuladores imobiliários – já impõem uma série de ameaças à permanência popular no território. No dia 1º de maio de 2018, por exemplo,

um edifício que abrigava uma ocupação no Largo do Paissandu pegou fogo e desmoronou, deixando desabrigadas centenas de famílias. O fato abriu margem para que o governo do estado e a prefeitura de São Paulo tenham colocado na mira todas as outras ocupações localizadas no centro da cidade; acabar com esse tipo de habitação foi medida apontada como necessária para impedir que tragédias como aquela voltassem a se repetir. Chegou-se a afirmar, ao jornal Folha de S. Paulo, que o MP deveria contribuir com “bom senso e compreensão”, em vez de tentar dificultar as remoções das famílias<sup>5</sup>.

O apoio à “requalificação”, que reproduz a narrativa hegemônica encampada pelo Estado, é perceptível em uma série de textos da imprensa. Uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo afirmou que a “antiga cracolândia” já foi um bairro de elite que o novo projeto de requalificação estaria ameaçado devido a questionamentos de urbanistas e promotores públicos, que atrapalhariam a volta ao período de nobreza<sup>6</sup>. Também é propagado, muitas vezes, um discurso de criminalização e desmoralização da população que mora em condições precárias no centro de São Paulo, frequentemente retratada

<sup>5</sup> PRÉDIO invadido desaba em incêndio no largo do Paissandu, centro de SP. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º mai. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/incendio-de-grandes-proporcoes-atinge-um-edificio-no-largo-do-paissandu.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>6</sup> PINHO, Angela. Antiga cracolândia foi bairro de elite; com novo projeto, tem futuro incerto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 jun. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1890083-antiga-cracolandia-foi-bairro-de-elite-com-novo-projeto-tem-futuro-incerto.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.



como “invasora”<sup>7</sup> ou “viciada”<sup>8</sup>, e a parte da cidade que a abriga é vista como uma área que precisa ser “limpa”<sup>9</sup>. Dentre as políticas propostas para resolver o problema, estão a de pagar para que moradores em situação de rua voltassem para as cidades de onde vieram e até mesmo a de internar compulsoriamente os usuários de droga<sup>10,11</sup>.

Neste trabalho, ao analisar alguns textos publicados pela imprensa no contexto das ações performáticas promovidas na região, é possível verificar que o Estado tem encontrado espaços midiáticos junto à imprensa tradicional para validar essas ações –

---

7 LOBEL, Fabrício; MARQUES, Jairo. Prédios invadidos por sem-teto acumulam perigos em série em SP”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 mai. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/predios-invadidos-por-sem-teto-acumulam-perigos-em-serie-em-sp.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

8 PINHO, Angela; SCOLESE, Eduardo. Programa de Doria na cracolândia prevê emprego de R\$ 1.800 a viciados. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jan. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1847475-programa-de-doria-na-cracolandia-preve-emprego-de-r-1800-a-viciados.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

9 MACIEL, Camila. Ação de limpeza na Cracolândia termina em confusão. **Agência Brasil**, 24 fev. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-02/acao-de-limpeza-na-cracolandia-termina-em-confusao>>. Acesso em: 30 out. 2018.

10 GARCIA, Janaina. Prefeitura quer pagar para moradores de rua deixarem SP, diz secretário de Doria. **UOL**, São Paulo, 13 jun 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/13/prefeitura-quer-pagar-para-moradores-de-rua-e-viciados-deixarem-sp-diz-secretario-de-doria.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

11 SANCHES, Mariana. Justiça autoriza Prefeitura a fazer internação compulsória de usuários da Cracolândia. **O Globo**, 26 mai. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/justica-autoriza-prefeitura-fazer-internacao-compulsoria-de-usuarios-da-cracolandia-21400824>>. Acesso em: 30 out. 2018.

tanto policiais quanto de transformação territorial. Em reportagem do G1 SP<sup>12</sup>, publicada no dia 21 de maio de 2017, no âmbito da megaoperação policial, o texto discorre sobre todos os passos da estratégia da prefeitura e do governo do Estado de acabar com a Cracolândia. À reportagem, o governador Geraldo Alckmin afirmou: “Demos o primeiro passo hoje para acabar com a Cracolândia na região da Nova Luz. Agora começa o trabalho social e de saúde, temos mais de 3 mil vagas para dependentes químicos”. Já o prefeito João Doria, de acordo com a reportagem, “afirmou que agora está decretado o fim do programa Braços Abertos, da gestão Fernando Haddad, e que não haverá mais pagamentos de ajuda de apoio e hotel para usuários de drogas na região, dando início a um novo projeto de reurbanização da área”. O prefeito também disse à reportagem que era “importante registrar que Prefeitura, governo do estado e governo federal estão juntos nessa ação e a Cracolândia tem prazo determinado para acabar”. No texto, nenhum usuário de drogas, morador, assistente social, pesquisador ou defensor dos direitos humanos foi ouvido, apenas as fontes oficiais.

No jornal O Estado de S. Paulo<sup>13</sup>, a cobertura de uma das reportagens publicadas no dia da operação ficou mais centrada

---

12 POLÍCIA faz operação contra tráfico de drogas e Doria diz que Cracolândia “acabou”. **G1 SP**, São Paulo, 21 mai. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/veja-o-que-aconteceu-nos-ultimos-sete-dias-na-cracolandia.ghtml>>. Acesso em 10 jan. 2019.

13 HISAYASU, Alexandre; CARVALHO, Marco Antônio. Polícia prende 38 na Cracolândia e região e desmonta feira de drogas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 mai. 17. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,policia-faz-operacao-para-prender-traficantes-na-cracolandia,70001801582>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

da atuação da polícia. Ainda no primeiro parágrafo do texto, os jornalistas ressaltam que: “Foram presos 38 traficantes – entre eles estão bandidos que foram filmados segurando armas no entorno, nas últimas semanas – e apreendidas diversas armas, como fuzis e submetralhadoras, além de uma quantidade de crack não divulgada”. A matéria também destaca a prisão do traficante Léo do Moinho e de dois homens ligados ao PCC. O texto aponta que não havia assistentes sociais e de saúde no local, mas acrescenta em seguida a justificativa do governador Geraldo Alckmin, alegando que foi uma medida adotada por questões de segurança. Apenas uma fonte teve aspas reproduzidas no texto, um morador que dormia na pensão onde morava, na rua Helvétia, no momento em que a operação policial começou. A trecho em que a fala dele é reproduzida é o seguinte:

O representante comercial Marcos da Silva, de 33 anos, contou que acordou assustado com a polícia invadindo a pensão onde mora, na Rua Helvétia. Do lado de fora, ouvia as bombas que eram lançadas para dispersar as pessoas que estavam no fluxo. “Invadiram (a pensão), mas não acharam nada. Aí pediram desculpa e saíram”, contou. Apesar do susto, Silva acredita que a ação foi positiva e espera que os usuários de droga e traficantes não retornem para a região. “Isso aqui está um inferno pelo menos desde 2014. Preciso tomar remédio para dormir e não consigo sair de casa depois das 18h30, por medo. É como viver no interior do inferno”, afirmou. (declaração publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 21 de maio de 2017 – ver nota de rodapé n. 13)

Nota-se, no texto, que mesmo a fala de um morador que foi diretamente afetado

pela operação é favorável à ação do Estado. Não há posicionamentos contrários no texto. Uma outra reportagem publicada pelo jornal no mesmo dia<sup>14</sup> é dedicada aos posicionamentos oficiais de João Doria e Geraldo Alckmin acerca da operação. A fala de Doria, reproduzida no trecho a seguir, atrela a ação policial e os projetos para reurbanização da área, inclusive anunciando o fechamento de habitações presentes no local:

O prefeito destacou as ações que serão realizadas na área, com foco na saúde e na reurbanização. “Essa área permanecerá cercada e vigiada pela Polícia Militar e pela Guarda Civil Metropolitana. Será feita a limpeza de toda a área. Ainda não houve ação urbanística como a que será feita”, disse. Ele informou que deverá lacrar hotéis e pensões da área. (declaração publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 21 de maio de 2017 – ver nota de rodapé n. 14)

## O cotidiano como estratégia narrativa

---

Já uma das reportagens publicadas sobre o assunto no jornal Folha de S. Paulo<sup>15</sup>, que acompanhou o desenrolar

---

<sup>14</sup> CARVALHO, Marco Antônio. ‘Não há possibilidade de a Cracolândia voltar’, diz Doria. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 mai. 2017. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,-nao-ha-possibilidade-de-voltar-a-cracolandia-diz-doria,70001802007>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>15</sup> PAGNAN, Rogério; GOMES, Paulo; VERPA, Danilo. Doria diz que ‘cracolândia acabou’, mas usuários de drogas persistem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 mai. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha>

da operação no território até o final do dia, mostrou as contradições da operação realizada pelo poder público. O texto ressalta que, apesar de os governantes terem anunciado o fim da Cracolândia, os usuários de drogas tinham se dispersado para outros pontos da cidade. À reportagem um dos usuários afirmou: “Não tem para onde ir, vou ficar aqui até desbaratinar”. A reportagem cita que, naquela noite, um grupo de cerca de 15 pessoas fumava crack em uma das ruas onde havia ocorrido a operação, ao lado de viaturas da polícia, sem que qualquer abordagem tenha sido feita. Em outras ruas próximas, a reportagem presenciou pessoas comercializando crack. Uma antropóloga, integrante do coletivo de defesa dos direitos humanos A Craco Resiste, afirmou à reportagem que é da natureza da própria Cracolândia ser itinerante e que, naquele momento, ela estava ali, montada novamente na Praça Princesa Isabel, poucos metros distante de onde se concentrava na manhã daquele mesmo dia. A reportagem também ressalta que outros prefeitos, como Gilberto Kassab (PSD) e Fernando Haddad (PT), também haviam falado sobre o sucesso de suas operações na área sem que a Cracolândia jamais tivesse acabado. Ainda, a reportagem conversou com uma moradora do bairro, dona de uma pensão, que relatou o seguinte: “Um [policial] já foi arrombando a porta. Quem vai pagar o prejuízo? Me humilhou na frente dos inquilinos. Não sou traficante, não sou usuária”, numa clara declaração de violação de privacidade e de direitos.

---

[uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886039-apos-acao-policial-secretario-de-doria-diz-que-nao-vai-mais-ter-cracolandia.shtml](http://uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886039-apos-acao-policial-secretario-de-doria-diz-que-nao-vai-mais-ter-cracolandia.shtml). Acesso em: 10 jan. 2019.

Esse tipo de cobertura, que dá visibilidade às ações cotidianas para além das ações performáticas, é justamente a narrativa que tem sido usada para desmontar o espetáculo e para mostrar o que escapa à mise-en-scène da segurança. Esse tipo de discurso, que ajuda a mostrar como é efêmero o espetáculo midiático é o que neste texto enquadraremos como narrativa contra-hegemônica. Esse tipo de narrativa, que por vezes aparece na imprensa tradicional, tem sido constantemente utilizado por grupos de pesquisa, jornalistas independentes e coletivos de defesa dos direitos humanos que atuam nas frentes de resistência socioterritorial, contra as remoções arbitrárias e violações contra populações mais vulneráveis. A estratégia, como veremos a seguir, tem sido a de acompanhar o cotidiano para conseguir visibilizar a recorrência das violações e violências no território, apresentando a população que habita a região da Cracolândia como vítima da ação do estado e não como chaga a ser combatida.

Acerca desse tipo de abordagem que se aproxima do território, uma das referências é o trabalho do documentarista Eduardo Coutinho, que afirma ter feito a escolha de “ser alimentado pela fala-olhar de acontecimentos e pessoas singulares, mergulhadas na contingência da vida”. De acordo com o documentarista, essa escolha abriu caminhos para eliminar “até onde fosse possível, o universo das ideias gerais (...) e dos ‘tipos’ imediata e coerentemente simbólicos de uma classe social, de um grupo, de uma nação, de uma cultura”. Não que uma ideia central e previamente construída não seja fundamental, mas ela não pode passar de uma “hipótese de trabalho a ser testada na prática desses sucessivos encontros com personagens de carne e osso” (COUTINHO, 2013, p. 16).

Essa necessidade de buscar aproximação com as pessoas que participam das dinâmicas reais que se dão no território foi abordada também por José Guilherme Magnani (2002), que ressalta a importância da etnografia para os estudos urbanos. Segundo ele, esse método de pesquisa possibilita a inclusão dos atores sociais não só nos projetos para as cidades, mas nas pesquisas. Para o pesquisador, apreender a cidade de longe e de fora, com base em variáveis e indicadores sociais, econômicos e demográficos, tem sido um dos motores dos ideais de “renovação” que acometem os centros urbanos das cidades mundo afora, uma vez que, por meio desse tipo de análise, é fácil chegar a constatar situações como deterioração do espaço e equipamentos públicos ou a segregação sócio-espacial e a violência urbana, por exemplo, sem levar em conta as dinâmicas reais vividas no território. Na maioria das vezes, essa abordagem desconsidera um aspecto fundamental da cidade: seus moradores — e, quando são considerados, eles aparecem “na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano” (MAGNANI, 2002, p. 15). Então, para que seja possível identificar “uma gama de práticas que não são visíveis na chave da leitura política (ao menos de uma certa visão política)”, o autor sugere uma perspectiva que se dê de dentro e de perto, a partir da etnografia urbana.

A pesquisadora Cibele Rizek, que é referência nos estudos que relacionam trabalho e produção do espaço, também ressaltou a importância da etnografia no decorrer da pesquisa Cidade, civilidade e seus avessos: tessituras e gestão dos territórios da precariedade, em que buscou definir a noção de zonas de indiferenciação entre trabalho, moradia e cidade:

As tessituras urbanas só puderam ser apreendidas por um conjunto de incursões a campo de cunho rigorosamente etnográfico: observações, cadernos de campo, longas entrevistas, análise, interpretações, tentativas de apreensão de trajetórias, terreno bastante distante dos grandes mapeamentos de dados ou da sistematização de informações de natureza quantitativa (RIZEK, 2012, p. 42).

As contribuições desse método de pesquisa para a compreensão da vida urbana têm revelado facetas da construção das cidades que ainda eram pouco exploradas. Mas, mais do que isso, “trata-se de um método de apreensão e de descrição das transformações em curso que geram verdadeiros desafios para as visões teóricas e conceituais mais clássicas” (RIZEK, 2012, p. 42). De acordo com Vera Telles, que tem sido uma das principais pesquisadoras a se dedicar ao desenvolvimento desse método nos estudos sobre as cidades, tal potencial revelador já mostrou que

as formas de moradia e sua localização no tecido urbano, por exemplo, informam muito mais do que os níveis de precariedade habitacional. Elas traduzem tempos coletivos e trajetórias urbanas, representam a consolidação ou ruptura de redes sociais e teias de solidariedade e interação com dinâmicas familiares e formas de composição da vida doméstica, tudo isso convergindo na construção de uma topografia da cidade que não corresponde ao seu mapa físico. (TELLES, 2006, p. 75)

Um dos grupos que atuam de forma a acompanhar a rotina do território é A Craco Resiste, coletivo de defesa dos direitos humanos na Cracolândia.

No dia 21 de maio de 2017, o grupo fez um relato<sup>16</sup> sobre a violência utilizada em sua página oficial do Facebook. De acordo com o grupo, “a polícia chegou de forma tão abrupta que os usuários só correram, sem pegar seus pertences ou documentos. Quando o rapa chegou muitos usuários pediram para pegar, ao menos, seus documentos”. Ainda: “muitos usuários foram presos. Os detidos, via de regra, tinham características muito distintas da imagem do ‘traficante’ constituídos como inimigo nacional”; e complementam: “fazia alguns dias que a prefeitura não passava para pegar o lixo, o que deixou o local com acúmulo acima do normal – dando, é claro, mais espetáculo a ação do Prefeito marqueteiro”. Em meio a um ambiente em que se tentava validar uma ação performática, contando com apoio midiático, a narrativa d’A Craco Resiste adicionava novas informações à cobertura, dificultando a montagem do espetáculo.

O Observatório de Remoções, grupo de pesquisa-ação vinculado ao LabCidade/FAUUSP e ao LABJUTA/UFABC, é um dos grupos de pesquisa que tem acompanhado de perto as intervenções no bairro de Campos Elíseos, onde se situa a Cracolândia, também é presente no território e acompanha de perto as intervenções realizadas no local. Em agosto de 2017, o grupo publicou um mapa<sup>17</sup>

que permitiu visualizar como as diversas intervenções realizadas na Cracolândia ao longo dos últimos anos, a partir da Operação Limpa realizada em 2005, impactaram a vida no território. Foram compilados e georreferenciados os registros das ocorrências, coletados na imprensa tradicional, na mídia alternativa e em denúncias do grupo A Craco Resiste e da pesquisa de campo do próprio Observatório. As informações presentes no mapa foram classificadas enquanto i) truculência das polícias civil, militar e da guarda civil metropolitana (incluindo homicídio e tortura); ii) as demolições e os lacramentos de imóveis habitados; iii) os incêndios em áreas de moradia precária; e, iv) as interações forçadas dos sujeitos-usuários de substâncias químicas em situação de rua. A partir do levantamento, foi possível verificar o histórico de violações na área, e o ano de 2017 apareceu como o pior ano para viver na região da Luz. Esse tipo de conteúdo contribui para mostrar o impacto dessas operações na vida ordinária que existe na área, para além do estigma da criminalidade.

Após a megaoperação realizada em maio de 2017, o grupo escolheu a região como um dos espaços em que realizaria um trabalho de etnografia urbana e se articulou com uma série de outras entidades, coletivos e indivíduos no âmbito do Fórum Aberto Mundaréu da Luz para ajudar a dar visibilidade às violações que ocorrem no território e para ajudar também a construir narrativas contra-hegemônicas, inclusive apresentando um projeto urbanístico e social,

---

<sup>16</sup> A CRACO RESISTE. Hoje, dia 21 de maio de 2017, às 5 h da manhã chegamos no território. **Página “A Craco Resiste” (Facebook)**, São Paulo, 21 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ACracoResiste/posts/hoje-dia-21-de-maio-de-2017-%C3%A0s-5-h-da-manh%C3%A3-chegamos-no-territ%C3%B3rio-%C3%A0s-6h-um-heli/1846464505604921/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>17</sup> MAPA interativo mostra que 2017 é o pior ano em uma década para viver na Luz. **Observatório de**

---

**Remoções**, São Paulo, 16 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.observatorioderemoco.es.fau.usp.br/mapa-interativo-mostra-que-2017-e-o-pior-ano-em-uma-decada-para-viver-na-luz/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

o Campos Elíseos Vivo, lançado em abril de 2018, um ano após a megaoperação. Ao longo desse ano de trabalho, o grupo tem buscado entender as necessidades e demandas da população que habita o local, para buscar alternativas de projeto não-excludentes. Um levantamento socioeconômico realizado em algumas ocupações de Campos Elíseos permitiu reunir material suficiente para subsidiar a elaboração do Campos Elíseos Vivo, mas também uma reportagem no jornal Folha de S. Paulo, que revelou que moradores da Luz, mesmo vivendo em condições precárias, pagam mais caro no aluguel, levando em conta o preço do metro quadrado, do que moradores do bairro nobre de Pinheiros, na Zona Oeste da cidade<sup>18</sup>. O levantamento foi repassado com exclusividade pelo Observatório de Remoções para a jornalista, ajudando a romper com o estigma atrelado à população do bairro, normalmente caracterizada como invasora ou drogada, como apontamos anteriormente neste artigo.

No âmbito do Fórum Aberto Mundaréu da Luz, e do lançamento do projeto Campos Elíseos Vivo, coletivos se mobilizaram também para realizar intervenções artísticas na cidade. Uma das estratégias adotadas para disputar narrativas no território foi a colagem de lambe-lambes pelos muros do bairro. Dois deles, colados no muro da quadra 36, na época ameaçada de remoção para dar lugar à construção da PPP do Hospital Pérola Byington – hoje

já completamente removida –, traziam os dizeres “CUIDADO: PESSOAS MORANDO” e “PERIGO: ESPECULAÇÃO EM CURSO”. As mensagens, estampadas no muro de um território em disputa, compuseram fotografias que foram publicadas em uma série de jornais, como a Folha de S. Paulo<sup>19</sup> e o R7<sup>20</sup>, e ajudaram a sustentar a narrativa de que os moradores dali não são invasores, drogados ou viciados, que podem ser despejados sem que sejam respeitados. Também foi possível relativizar a necessidade da remoção daquela quadra, bem como visibilizar as violações que aquelas famílias viveram no processo de desocupação da quadra, para a realização de mais um projeto excludente na Cracolândia.

## Conclusões

---

A partir das análises realizadas ao longo desta pesquisa, foi possível verificar a centralidade da disputa narrativa na disputa socioterritorial historicamente presente na área onde se situa a Cracolândia, no centro de São Paulo, tendo papel chave

---

<sup>18</sup> MENA, Fernanda. Locação de imóveis na região da Luz é mais cara do que em Pinheiros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 mai. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/locacao-de-imoveis-na-regiao-da-luz-e-mais-carro-do-que-em-pinheiros.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

---

<sup>19</sup> ZYLBERKAN, Mariana. Região da Cracolândia tem remoção de famílias para construção de hospital. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 abr. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/regiao-da-cracolandia-tem-remocao-de-familias-para-construcao-de-hospital.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>20</sup> AGUIAR, Plínio. Projeto de hospital desapropria moradores na Cracolândia em SP. **R7**, São Paulo, 16 abr. 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/projeto-de-hospital-desapropria-moradores-na-cracolandia-em-sp-17042018>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

na apresentação e validação dos projetos urbanos propostos para a região.

Também foi possível verificar que narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas têm se alimentado de diferentes formas de abordar o território. Os textos que validam a atuação do Estado normalmente se valem de suas ações performáticas, conferindo a visibilidade necessária à mise-en-scène da segurança, num espetáculo policial que tenta justificar as intervenções urbanas realizadas na área. Já as narrativas contra-hegemônicas, a partir de uma vivência rotineira do território, têm reportado e denunciado primordialmente as ações cotidianas do Estado, revelando uma realidade muito diferente da montada durante as ações performáticas. É a partir do cotidiano que tem sido possível revelar as complexidades do território, rompendo com estigmas associados à Cracolândia. Enquanto as ações performáticas trazem consigo soluções fáceis, contribuindo para gerar uma percepção de efetividade do Estado, a visibilização das ações cotidianas mostra como a atuação do Estado no território é excludente.

Esta pesquisa também permitiu verificar que as narrativas contra-hegemônicas, baseadas no cotidiano, têm ajudado a fortalecer a resistência socioterritorial, contribuindo para a defesa dos direitos e dos interesses das populações mais vulneráveis, que têm sua permanência na região constantemente ameaçada por novos projetos urbanos e novas tentativas de “requalificar” o centro da cidade de São Paulo. ■

[ CAMILA CAMPOS DE ALMEIDA ]

É jornalista graduada pela UFPE, especialista em Planejamento e Gestão de Cidades pelo PECE/Poli/USP e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da FAUUSP. E-mail: camilaalmeida@usp.br

[ FERNANDO TÚLIO SALVA ROCHA FRANCO ]

É Presidente do IAB-SP, arquiteto urbanista formado pela FAUUSP, mestrando em Gestão e Políticas Públicas pela FGV e pesquisador pelo LabCidade/FAUUSP. Foi Assessor do gabinete da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo (2013-16).

## Referências

---

COUTINHO, Eduardo. **O olhar no documentário**. In: OHATA, Milton (org.). Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 701 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 431 p.

GATTI, Simone. **Entre a permanência e o deslocamento**: ZEIS 3 como instrumento para a manutenção da população de baixa renda em áreas centrais. O caso da ZEIS 3 C 016 (Sé) inserida no perímetro do Projeto Nova Luz. Tese. São Paulo: FAUUSP, 2015. 344 p.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 510 p.

KARA JOSÉ, Beatriz. **A popularização do centro de São Paulo**: um estudo de transformações ocorridas nos últimos 20 anos. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho de 2002.

MALTA CAMPOS, Cândido; PEREIRA, José Eduardo Borba. Da segregação à diversidade: moradia e requalificação na área central de São Paulo. In: **Caderno de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 5, n. 1. São Paulo: FAU Mackenzie, 2015.

MARINS, Paulo César Garcéz. Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo. In: LANNA, Ana; PEIXOTO, F.; LIRA, José; SAMPAIO, Mariana (orgs.). **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.

PETRELLA, Guilherme. **A fronteira infernal da renovação urbana em São Paulo**: região da Luz no século 21. Tese. São Paulo: FAUUSP, 2017.

RIZEK, Cibele. Trabalho, moradia e cidade: zonas de indiferenciação? In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 78, 2012, p. 41-49.

RUI, Taniele. Depois da “Operação Sufoco”: sobre espetáculo policial, cobertura midiática e direitos na “Cracolândia paulistana”. In: **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v.3, n. 2, p. 287-310, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/download/144/80>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

RUI, Taniele; MALLART, Fábio. A Cracolândia, um potente conector urbano. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, ed. 99, 1 out. 2015. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-cracolandia-um-potente-conector-urbano/>>. Acesso em: 4 jan. 2019.



ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato (org). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SMITH, Neil. **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 21, pp. 15 - 31, 2007.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (org.). **Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006. 293 p.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**. São Paulo: Contracorrente, 2018. 506 p.

TELLES, Vera. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: TELLES, V. e Cabanes, R. (orgs.) **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Humanitas, 2006. 442 p.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: Segregação e desigualdade. In: **Estudos avançados**, v. 25., n. 71, São Paulo, jan/abr 2011.